Somos todos uns idiotas
 Contribuição de Stiletto Jr
Ontem fui ao cinema assistir ao cultuado “Borat”, filme escrito, dirigido e protagonizado pelo comediante
inglês Sacha Baron Cohen. Uma mistura de Casseta & Planeta, Monty Python e Michael Moore em seus dias mais
ácidos, “Borat”, apesar de classificado pela crítica como comédia, é um filme para estômagos fortes. Não
que contenha mais cenas de violência do que o mais ingênuo (sic) dos infindáveis episódios de
“Rambo”. Nem mais sangue jorrando do que qualquer continuação de “Sexta-feira 13”. É
indigesto porque do primeiro ao último minuto nos joga na cara que somos todos uns idiotas. E faz isso sem nunca
repetir a piada. Mesmo que a contragosto, sou obrigado a concordar com Borat: somos mesmo uns idiotas.

No início do filme, vemos Borat em sua terra natal, um vilarejo perdido no Cazaquistão, trazendo aspectos, digamos,
pitorescos de sua biografia: o amigo estuprador, o vizinho invejoso, a irmã prostituta, o irmão retardado, entre outros
bizarros personagens na bizarríssima cidade onde se pratica, por exemplo, a corrida de perseguição aos judeus, que
termina quando um grupo de crianças destrói um gigantesco ovo botado por uma enorme boneca judia. Assim, sem, como
se dizia, papas na língua, com o estilete permanentemente afiado e em uso, aquele que se nomeia o segundo melhor
repórter do Cazaquistão vai destilando seu veneno contra os judeus, contra os cristãos, os gays, as prostitutas, as
feministas e, claro, os políticos.

Mas quem está mesmo na mira desse campeão da ironia é a cultura americana, escolhida como uma espécie de
representante do establishment imposto pela civilização ocidental. Ridicularizando o tempo todo o american way em suas
múltiplas expressões, Borat revela o podre que se esconde por trás do veludo azul...
Ah! Você está estranhando que estou usando este espaço para resenhar (sic) um filme? Pois bem, pode estranhar
mesmo, pois não tenho a menor intenção de atuar como cineasta frustrado. O exercício a que me propus é simples:
provar que Borat está certo. Somos todos uns idiotas – talvez, uns mais do que outros, mas definitivamente
todos idiotas.
E para ilustrar esta tese, vou usar um, apenas um exemplo. Hoje é Quarta-Feira de Cinzas, dia que vale chegar mais
tarde no trabalho alegando que se estava na folia. Deve ser difícil explicar isso para um gringo... Quarta-Feira de Cinzas
é o dia nacional do consumo de Engov e de ajoelhar abraçado à privada. Hoje, nesse dia que sem ser uma coisa nem
outra, é simplesmente um quase feriado, nesse dia em que fui assistir a “Borat”, se completam duas
semanas que um menino foi arrastado em um carro por sete quilômetros pelas ruas do Rio de Janeiro.

Duas semanas apenas se passaram e só temos olhos para as campeãs do Carnaval. Estamos cegos. E não ouvimos
mais o lamento de um garoto de apenas 6 anos sendo esquartejado no passeio público. O que terá sido de nós, que
cegos, surdos e agora mudos, nos esquecemos de quem somos? Nos esquecemos de que nos pertencemos uns aos
outros, nós que aqui viemos para sermos os reis entre os reis, os mais sábios, os mais belos.
Que beleza há em seres humanos dirigindo um carro em alta velocidade com uma criança sendo arrastada e destroçada
pelo caminho? Na semana da tragédia, encontrei um amigo que me disse: “quando vi na televisão o início da
história, desliguei o aparelho na hora!” Claro! Assim a tragédia humana se apaga. O grito de João Hélio já não
mais existe. Apagamos a história. Esta é a nossa especialidade. Ou inventamos feitos heróicos dessa brava gente
brasileira. Revolução de 32! Revolução de 64! Somos revolucionários! Somos os maiorais! O que não nos impede de
sermos humilhados por – que se fodam os defensores do politicamente correto! – um presidente
fantasiado de índio de uma republiqueta que se orgulha de ser grande produtora de gás e cocaína. O cara vem aqui, não
comparece a compromissos oficiais (se você não leu sobre isso, tira essa bunda gorda da cadeira e vá atrás da
Stiletto
http://www.stiletto.blog.br
Fornecido por Joomla!
Produzido em: 5 September, 2010, 05:11

notícia!) e nos humilha com concessões atrás de concessões, sem nenhuma, uma única contrapartida?!

Olha, eu não sei sobre você, mas eu estou muito, mas muito indignado com tudo isso. Indignado como Howard Beale,
personagem que deu o Oscar de melhor ator a Peter Finch, em “Rede de Intrigas”. Beale era um bom
sujeito, trabalhava como âncora em uma grande rede de televisão e, no dia em que anunciaria sua aposentadoria, de
repente, um estalo e... o cara pira! “Gritem todos comigo: eu estou muito puto e não vou aceitar mais toda essa
merda!” A tradução da fala do amigo é livre, ok? Vamos lá, não se acanhem, gritem bem alto, comigo, com Beale
e com todos os que ainda não anularam o sentido mais importante, o sentir-se humano: “Eu estou muito puto e
não vou aceitar mais toda essa merda!” Sei que isso parece meio idiota, mas se Borat estiver mesmo certo, um
pouco mais de idiotice não nos fará mal algum, não é verdade?

Stiletto
http://www.stiletto.blog.br
Fornecido por Joomla!
Produzido em: 5 September, 2010, 05:11